A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO ENTRE OS FEITIÇOS DOS CENTROS DE CIÊNCIA E OS ANTÍDOTOS DOS "LABORATÓRIOS DA VIDA"

THE INFORMATION SCIENCE BETWEEN ILLUSIONS OF SCIENCE CENTERS AND THE ANTIDOTES OF "LIFE LABORATORIES"

Bianca Rihan Pinheiro Amorim
biarihan@hotmail.com
IBICT/UFRJ

Gustavo Saldanha
saldanhaquim@gmail.com
IBICT/UFRJ
Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro

Resumo: Ampliando a crítica feita a partir da filosofia da linguagem, que chama a atenção sobre a importância de análises mais complexas no que diz respeito à epistemologia da ciência da informação, ou à epistemologia da organização do conhecimento, para superarmos formalizações positivistas que têm dominado a área até aqui, propomos pensar o poder simbólico da linguagem - e, logo, dos discursos que se empenham em legitimar a Ciência da Informação (CI) - conectado a outras dimensões da realidade que cercaram/cercam a institucionalização e o desenvolvimento da mesma. Ao tratarmos as questões discursivas que permeiam sua constituição, buscaremos atentar, sobretudo, para posições e propriedades sociais objetivas que a atravessam. Assim, considerando o método para a produção de conhecimento baseado na razão dialética, que busca captar o real em suas múltiplas determinações e reafirmar o caráter histórico e criador da práxis humana, abordamos as representações sobre a Ciência da Informação a partir dos movimentos de contato e conflito que a interconecta às tantas variáveis no interior e ao entorno do campo. O conhecimento da realidade referencia-se, então, na totalidade, rearticulando as partes desse empreendimento através de sua dinâmica de constante transformação. Para realizar o percurso, propomos um diálogo entre Gramsci e Bourdieu, antecipado por uma discussão acerca da epistemologia histórica sob a argumentação diltheyana, no contexto da Ciência da Informação. Abrir as janelas da CI significa, nesta reflexão, proporcionarmos a nós mesmos, pesquisadores, as possibilidades de espiarmos os "laboratórios da vida", desenclausurando-nos de uma "interdisciplinaridade" altamente disciplinar no plano político.

Palavras-chave: Epistemologia da Ciência da Informação. Gramsci. Bourdieu. Dialética.

Abstract: Increasing the criticism from the philosophy of language - which draws attention to the importance of more complex analyzes about the epistemology of information science, or the epistemology of knowledge organization, to overcome the positivist formalism which has dominated the segment so far- we propose to think the symbolic power of language connected with other dimensions of reality that surrounded / surround the institutionalization and development of the same, and are equally important its conformation. In addressing the discursive issues that permeate the constitution of information science, we will emphasize the other determinations of social life that guide it, especially for the positions and the objective social properties. Thus, considering the method for the production of knowledge based on dialectical reason, which seeks to capture reality in its multiple determinations and reaffirm the historical character and creator of human practice, we see the representations of the Information Science from the movements of contact and conflict that interconnect to so many variables

inside and the surrounding of the segment. In this sense, knowledge of reality references to, overall, rearticulating parts of this project through its dynamic of constant transformation. In order to proceed with this analysis, we propose a dialogue between Gramsci and Bourdieu, anticipated by a discussion of historical epistemology under the diltheyana argument in the context of Information Science.

Keywords: Epistemology of Information Science. Gramsci. Bourdieu. Dialectic.

1 INTRODUÇÃO: POR UMA CRÍTICA DIALÉTICA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

> A necessidade de um exame crítico dos estratagemas da ideologia dominante – em geral desenvolvidos nos produtos aparentemente impenetráveis de geradores de fumaça, institucionalmente bem lubrificados – nunca foi tão grande em nossos dias. **István Mészáros**

Acompanhado os trabalhos dedicados a abordar a epistemologia da CI, Lena Vania Pinheiro (2002) identifica um número expressivo de análises que localizam o nascimento da mesma em meados da década de 1950, época "animada" pelas significativas movimentações decorrentes da II Guerra Mundial (1939-1945). Conforme a autora - e os outros tantos estudos aos quais ela se dedicou a sistematizar - o alvorecer da "nova área" viveria o seu ápice no pós-guerra, entre 1961 e 1969, momento em que se buscou enfatizar sua natureza interdisciplinar e sua ligação com o desenvolvimento e a tecnologia.

A concepção é mais um dos desdobramentos do movimento sócio histórico em que a matriz teórica positivista passou a designar expressão da razão moderna, tornando-se um dos principais suportes teórico-metodológicos para justificar a produção de conhecimento pautada pela qualificação técnico-científica, e pela prontidão em responder às demandas de modernização dos Estados. Por essa perspectiva, até o conhecimento dos fenômenos sociais deveria ser trabalhado a partir de um modelo baseado em dados empíricos, sempre passíveis de classificação.

Nesse paradigma, a ação da CI vem sendo identificada por seu caráter prático, neutro e imediato, e praticamente desconsiderada a dinâmica contraditória de seu movimento, assim como os conflitos e as ideologias que abriga (aqui no sentido Gramsciano, remetente às diferentes visões de mundo).

Outros cientistas sociais que, da mesma forma, recuperam informação para seus trabalhos a partir das leis bibliométricas, classificações universais e bancos de dados mediados

por computadores - o orgulho da "nova ciência" - também acabam, por muitas vezes, estabelecendo uma posição acrítica/naturalizada diante dos mesmos.

Logo, é sempre importante lembrarmos que o discurso sobre a neutralidade e a novidade da Ciência da Informação não está restrito ao senso comum, mas é sustentado, sobretudo, pelos próprios "profissionais da pesquisa". Conforme alerta Gustavo Saldanha:

> Nesta linha, parece não existir nada antes do neologismo "ciência da informação" no plano destes estudos, senão paradigmas anulados, teorias obsoletas diante das novas exigências sócio-técnicas do mundo pós-moderno, ou ainda pseudo-disciplinas, como se o que conhecemos dentre as margens frágeis da ideia de "ciência da informação" representasse uma estrutura científica esclarecida. É uma linha que se confunde, ao identificar o "pioneirismo" da CI, com o aparecimento do próprio termo "ciência da informação" dentro do escopo dos estudos de organização do conhecimento e, por vezes, nos faz imaginar, pelo fascínio da linguagem, que a institucionalização do mesmo e sua legitimação é a fonte estrutural de uma "nova" ciência para um "novo" pensamento na árvore das especializações. Parte deste olhar historiográfico sustenta-se exatamente na ideia de interdisciplinaridade, contrapondo-se à departamentalização da ciência do novecentos, quando na verdade os pressupostos filosóficos de uma possível "nova" área eram fundamentalmente fundados na ideia de uma especialização positivista e tecnicista para investigar a informação. (SALDANHA, 2010, p. 301)

Tal concepção, enquadrada metodológica e institucionalmente, começa a ser rebatida por pesquisadores [1] interessados em dar visibilidade aos estudos de organização do conhecimento ao longo do tempo. Desconstruindo a ideia de Ciência da Informação como um saber isolado, desenvolvido após a II Guerra Mundial, esses trabalhos fundamentam suas análises em uma epistemologia que tem nas disputas de linguagem no decorrer da história seu ponto de partida e seu ponto de chegada. "Mais do que meio, a linguagem é tomada como objeto, como pedra de toque para a compreensão da realidade." (SALDANHA, 2010, p. 302)

Sobre a produção desses autores, que dialogando com propostas intelectuais em diversas áreas das ciências sociais, podemos dizer que passaram a questionar a inércia contida nas certezas definitivas das leis e fórmulas universais, que até o momento buscam legitimar a ciência da informação como disciplina acabada e esclarecida.

> Nesta medida, ela (a filosofia da linguagem) propõe as relações sociais como caminho para se conhecer os possíveis graus de organização do mundo, negando a possibilidade de uma organização ideal, partindo do reconhecimento de narrativas - jogos de linguagem - para compreender o social. (SALDANHA, 2010, p. 312)

[1] Além de SALDANHA, ver também GONZÁLEZ DE GOMÉZ, 2009.

2 A CAMINHO DA AUTONOMIA DAS CIÊNCIAS HUMANAS: PREÂMBULOS DILTHEYANOS A UMA EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA DOS ESTUDOS INFORMACIONAIS

A argumentação orientada para a origem e a fundamentação da Ciência da Informação tem recebido críticas de reflexões recentes, como aquelas oriundas de uma abordagem neodocumentalista, em Buckland (1991), Frohmann (2004, 2009, 2011) e Day (2001, 2005), por exemplo, e aquelas advindas do ponto de vista hermenêutico-retórico, como em Capurro (1992).

Antes de adentrar o debate dialético nos estudos informacionais, nosso intuito é participar o olhar retrospectivo e contemporâneo da Ciência da Informação sob o plano de uma epistemologia histórica e, ao mesmo tempo, sustentar, em uma dupla-reflexividade, a epistemologia informacional como um "ente epistêmico" de tal epistemologia histórica. Em outras palavras, sob o ponto de vista de uma teoria do conhecimento em Dilthey (2010), atenta às distinções teóricas entre ciências humanas e ciências da natureza, cabe-nos demonstrar que a historicidade que deva à constituição da Ciência da Informação como discurso legitimado, fruto de controversas tentativas de fundamentação na procura por uma teoria geral da informação, ainda presente em debates como de Hjorland & Albrechtsen (1995) e Ingwersen (1996), é fundadora do campo em sua condicionante social, bem como permite uma amplitude crítico-teórica aberta à obscuridade que o objeto informação evoca.

Com Dilthey (2010) reconhecemos como dado mais imediato para o pensamento em ciências humanas aquilo que o filósofo chama de "vivências". No plano da observação de tais "vivências" reconhecemos o "acontecimento" de uma cientificidade que não estruturada na determinação da natureza.

> Ao lado das ciências naturais, e partindo das tarefas da própria vida, desenvolveu-se por si mesmo e de maneira espontânea um grupo de conhecimentos ligados uns aos outros por meio da comunhão de seu objeto. Tais ciências são a história, as ciências econômica e jurídica e a ciência do Estado, a ciência da religião, o estudo da literatura e da poesia, da arquitetura e da música, das visões de mundo e dos sistemas filosóficos e, por fim, a psicologia. Todas essas ciências descrevem, narram, julgam e formam conceitos e teorias em relação ao mesmo grande fato: a espécie humana. (DILTHEY, 2010, p. 19)

A enunciação de sujeitos pesquisadores e sujeitos pesquisados no âmbito de tais ciências "distintas" aponta para a compreensão de uma abrangência vasta segundo a

perspectiva diltheyana, reunindo indivíduos, famílias, associações, épocas, movimentos históricos, organizações sociais, sistemas de cultura e todo e qualquer estrato social no âmbito que se convenciona tratar como humanidade. Estariam os estudos informacionais abertos à esta pluralidade quando procura se aproximar da categorização das ciências sociais e humanas, mesmo hoje, após a crítica neodocumentalista e hermenêutico-retórica?

Em nossa abordagem crítica, a resposta a esta questão deve, também ela, pautar-se em uma epistemologia histórica: a fundamentação da Ciência da Informação, além de tardia (pós anos 1960) apresenta-se como "não-histórica" (no sentido diltheyano), na medida em que se atenta menos às contradições presentes na busca por uma delimitação dos saberes orientados para as práticas de organização do conhecimento desde o século XIX, e mais às legitimações institucionais de meados do século passado. Em certa medida, a crítica historiográfica de fundo raywardiano (RAYWARD, 1996) já havia apontado isto, bem como a crítica culturalista dayana (DAY, 2005). Como indica o último,

> Together, these add to the overall impression that, traditionally, information studies research has not accounted very well for the *construction* and *production* of not only the concepts of "users" and "information" (and for the various "scientific" methods that accompany these concepts), but it has not effectively addressed the historical, political, and philosophical construction and production of subjects and epistemic objects in general. Because it is unlikely that such a "critical" address can occur within the tradition of quantitative methods of "science" in information studies (where subjects and objects are already addressed as given presences for method), the term "science" sometimes sociologically acts to buffer the field from foundational critiques within it. (DAY, 2005, p. 578)

Ladeadas à abordagem diltheyana, a visão a-historicista pode ser definida pela a-pluralidade, pela negação das abrangências múltiplas abertas pelo ponto de vista das vivências. A "realidade humano-histórico-social", segundo as palavras de Dilthey (2010, p. 21), parece escapar dos objetivos centrais da epistemologia informacional (não apenas em seu nascimento). Dedicada à "natureza da informação" (segundo o ponto de vista replicado a partir de Borko (1968)), a Ciência da Informação negligenciou as "vivências" e sua historicidade.

> A história produz relatos sobre o trabalho econômico, sobre povoamentos, guerras e fundações dos Estados. Eles preenchem nossa alma com grandes imagens, eles nos ensinam sobre o mundo histórico que nos envolve. Porém, o que nos comove nesses relatos é principalmente aquilo que é inacessível aos sentidos, **o apenas vivenciável**, a partir do qual surgiram as ocorrências exteriores, como aquilo que lhes é imanente e ao que elas reagem; e essa tendência repousa sobre um modo de consideração que se dirige de fora para a vida: **ela está fundamentada na própria vida: é em torno da vida que gira**

> **todo o ruído exterior da história. É aí que vêm à tona os fins, sobre os quais a natureza não sabe nada**. (DILTHEY, 2010, p. 23, grifo nosso)

Fundadas na conexão entre vida, expressão e compreensão, as ciências humanas - *geisteswissenschaften* no léxico alemão diltheyano, realizam-se no e para o mundo histórico, ou seja, nas margens da dupla-reflexividade anteriormente indicada. Neste sentido, a epistemologia das ciências humanas é, em sua condição de nascimento, uma crítica da faculdade do conhecimento, uma metateoria gnosiológica atenta às possibilidades de conhecer o outro.

Como aponta a leitura ricoeuriana de Dilthey, a abordagem do conhecimento histórico aqui responde por um passo decisivo no aperfeiçoamento, no final do século XIX, das ciências humanas: trata-se de construir métodos que podem rivalizar com as ciências da natureza. A substituição da indagação filosófica do "como sabemos" orienta-se aqui pela questão que atesta que a pergunta que realizamos sobre dado modo de ser só existe no decurso da compreensão. (RICOEUR, 2013)

A construção de um modo de olhar as "vivências" e, principalmente, o movimento dialético de tais "vivências" edificadas e edificadoras do mundo social, ainda em aberto nos estudos informacionais, nos permite a aproximação às abordagens críticas da teoria da informação, como colocado pelos estudos de Fuchs (2008). Trata-se de perceber, aqui, como a informação se constitui, enquanto objeto e mercadoria, enquanto artefato e ideologia, o potencial de alienação, a ferramenta de uma transcendência imanente na contemporaneidade, contexto no qual se insere a Ciência da Informação. Nos termos fuchsianos,

> Information produces potentials that undermine competition, but at the same time also produce new forms of domination and competition. The philosophical argument is based on the logic of essence and on the dialectic of immanence and transcendence. The line of argument assumes a formal identity of immanence and transcendence with society as the system of. Transcendence is not something that is externally given to being, but as immanent essence (and thus Wirklichkeit) of that being. Transcendentals are societal forces that represent needs and goals that form the immanence essence of society, but are repressed within the existing antagonistic totality and cannot be realized within it. (FUCHS, 2008, p. 281)

A epistemologia histórica abre, pois, a janela das contradições para a compreensão dos modos como o "espírito objetivo" da informação se instaura como ideologia e fundamento para a "história informacional" em curso. Para adentrar as contradições, propomos, como indicado, um diálogo entre Gramsci e Bourdieu.

3 GRAMSCI E BOURDIEU ENCONTRAM A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: A AUTONOMIA RELATIVA DO CAMPO CIENTÍFICO OU O CAMPO CIENTÍFICO COMO ESPAÇO DE AMPLIAÇÃO DO ESTADO

Ampliando as crítica feitas nas seções acima - que chamam a atenção sobre a importância de análises mais complexas no que diz respeito à epistemologia histórica da ciência da informação, ou à epistemologia da organização do conhecimento, para superarmos as formalizações positivistas que têm dominado a área até aqui -, propomos pensar o poder simbólico da linguagem - e, logo, dos discursos que se empenham em legitimar o campo - conectado a outras dimensões da realidade que cercaram/cercam a institucionalização e o desenvolvimento da mesma, e que são igualmente importantes à sua conformação.

Ao tratarmos as questões discursivas que permeiam a constituição da Ciência da Informação, buscaremos atentar para as outras determinações da vida social que a orientam, sobretudo para às posições e às propriedades sociais objetivas. Afinal:

> O concreto é concreto porque é síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. (MARX, 1979, p. 116)

Assim, considerando o método para a produção de conhecimento baseado na razão dialética, que busca captar o real em suas múltiplas determinações e reafirmar o caráter histórico e criador da práxis humana, enxergamos as representações sobre a Ciência da Informação a partir dos movimentos de contato e conflito que as interconectam às tantas variáveis no interior e ao entorno do campo. O conhecimento da realidade referencia-se, então, na totalidade, rearticulando as partes desse empreendimento através de sua dinâmica de constante transformação.

Nesse sentido, a sociologia de Pierre Bourdieu torna-se um importante referencial teórico para este trabalho, pois como bem apontam Bezerra, Schneider e Castro (2015), a mesma, em boa medida, trata de problematizar “os processos de legitimação do conhecimento científico, que envolvem o atravessamento constitutivo do debate epistemológico, teórico e metodológico por disputas por capital simbólico, social e econômico”. (p. 3)

> Em Bourdieu, o procedimento de objetivação característico das ciências é inseparável de um movimento reflexivo de “objetivação do sujeito da objetivação”, entendido não somente como crítica dos pressupostos, mas,

> também e sobretudo, como compreensão das condições sociais objetivas de possibilidade de construção dos objetos e dos discursos científicos. (BEZEERA, SCHNEIDER E CASTRO, 2015, p.5)

Ou seja, o lugar objetivo de criação dos discursos científicos e daqueles que os produzem não deve ser subestimado. Os "jogos de linguagem" não acontecem em uma dimensão etérea. Para Bourdieu (1994), os poderes que articulam o campo científico estão diretamente ligados aos desequilibrados acúmulos de capitais nas diferentes posições do mesmo. Conforme o autor, são as vantagens nas lutas por capitais no campo que irão "autorizar" determinadas falas e silenciar outras, assim como garantir a legitimidade e a competência de certas pesquisas e áreas e relegar outras à marginalidade das ciências.

Ao trabalhar o conceito de campo científico, Bourdieu (1994) se afasta de uma noção de ciência engendrada em si mesma, alheia às intervenções do mundo social, mas também de uma análise puramente contextual, em que as externalidades teriam o poder de pautar - de maneira absoluta - o seu desenvolvimento. Daí é que ele evoca a ideia de autonomia relativa do campo científico, ou estabelece o campo como espaço de mediação entre a produção de conhecimentos; os embates internos de acordo com as posições ocupadas; e os atravessamentos ideológicos externos a que, necessariamente, a ciência está exposta. [2]

Devido às capturas cada vez mais vorazes da ciência pelos empreendimentos do mercado - e as estratégias do capital presentes na sociedade civil, logo, no próprio campo científico, para imiscuírem-se nas orientações do Estado - destacamos, neste trabalho, as grandes cargas ideológicas despejadas na prática científica cotidianamente. Como aponta o próprio autor, a neutralidade na ciência:

> [...]é uma ficção interessada que permite aparentar como científica uma forma neutralizada e eufêmica (simbolicamente muito eficaz porque particularmente irreconhecível) da representação dominante do mundo social. (BOURDIEU 1994, p. 142)

Não sem a brilhante inspiração de Michael Burawoy (2010) - que promove uma série de encontros fictícios entre Bourdieu e pensadores marxistas - passamos a considerar, ao lado e além das questões que esse provoca, os múltiplos diálogos possíveis entre o sociólogo francês e o comunista italiano Antônio Gramsci, para entendermos a Ciência da Informação.

---

[2] Assim como Bourdieu, distanciamo-nos tanto do positivismo e suas falácias sobre verdades absolutas, como das análises demasiadamente relativistas, que negam qualquer possibilidade de conhecer para além dos discursos.

Adotando uma perspectiva metodológica que procurou conectar as diversas componentes da vida social - conferindo centralidade à história das ideias, mas vista sempre em conexão com o desenvolvimento das forças produtivas reais - Gramsci (1987) destacou as categorias "ideologia" e "hegemonia" para formular sobre o exercício de poder e as relações de dominação na sociedade. A ideologia, entendida como visão de mundo, concepção histórica, ou conjunto de ideias próprio à determinada classe ou fração de classe, torna-se imprescindível para a construção de consensos e de hegemonia, na medida em que se forja como elemento privilegiado no que tange às possibilidades de interação entre os agentes sociais, legitimando posições ou transformando a sociedade.

Como explicitamos acima, a produção de Gramsci, principalmente sua reflexão teórica sobre o Estado ampliado [3], liga-se a uma concepção multidimensional dos processos sociais, difícil de ser captada quando há a insistência em simples esquemas classificatórios que reduzam o econômico especificamente à infraestrutura e os demais "domínios" da sociedade - o político, o cultural ou o ideológico - ao espaço superestrutural - de reflexo. De acordo com essa perspectiva, os discursos aparecem como uma das dimensões organizativas das classes e do próprio Estado, sendo de toda importância a participação do intelectual orgânico que, forjado dentro de um segmento social, trabalha para valorizar e difundir os códigos culturais a que está ligado, seja por pertencimento de classe ou por convencimento programático. (MENDONÇA, p. 98)

Ao mobilizar a noção de Estado ampliado, ou seja, tomando o Estado não apenas a partir da sociedade política [estrito senso], mas conjugando as pressões e contrapressões entre sociedade política e sociedade civil para pautarem a direção do Estado, estabelecendo assim as reproduções ou as transformações da realidade, Gramsci certamente concordaria que o campo científico inscreve-se em uma dessas instâncias de disputa entre classes/frações de classe para garantirem seu domínio e/ou, conforme sua expressão já consagrada, construírem hegemonia. A partir da ciência - e da cultura, e dos discursos - a luta de classes torna-se também luta de classificações. E à medida que os discursos legitimam-se pelos "autorizados" do campo

[3] Para Gramsci, o Estado não se reduz a um arcabouço de instituições jurídicas, políticas e administrativas oficiais; mas deve ser entendido a partir de uma perspectiva ampliada. O Estado é apresentado como um processo de permanente interação e interdependência entre sociedade civil - esfera de elaboração de projetos políticos a partir de órgãos e instâncias específicas de uma classe ou fração capaz de organizar e afirmar os seus interesses perante outras classes ou frações - e sociedade política – esfera de concretização dos projetos de uma classe que os apresenta inicialmente na forma de interesses gerais.

científico como orientados para o bem comum, sua força de consenso amplia-se de maneira brutal.

Ao disseminar um conjunto de “verdades universais”, quando essas estão, na realidade, ancoradas nos interesses econômicos, político e culturais de determinados grupos, a ciência proclamada como “pura” está, além de produzindo conhecimento, reproduzindo ideologias e garantindo orientações classistas para o Estado.

A partir da ciência também podemos perceber um modo de produção, preservação e reprodução de ideologias. Aqui, torna-se pertinente a pergunta: o que pautam os discursos científicos, de que lugar, para quem?

A aproximação entre ideologia e dominação de classe se constitui, igualmente, como uma questão de destaque na obra de Pierre Bourdieu, que considera que as ideologias - representadas pelos sistemas simbólicos - podem se transformar em funções políticas, na medida em que a ordenação do mundo também está submetida ao poder simbólico e a sua legitimação social. Avançando na obra do sociólogo, percebemos o relevo atribuído a esse poder simbólico e à sua eficiência de atuação no que diz respeito às relações de força.

Segundo Bourdieu (2012), o poder simbólico atua através da capacidade de impor ideologias como legítimas, consolidando uma situação de violência simbólica. Na medida em que se incute à coletividade uma configuração própria para o mundo - de modo que esse ganhe um sentido imediato - há um investimento na construção de ideias que acabam por consolidarem-se como lugares de referência ou dispositivos de integração social, criando certa conformidade.

Dispositivos forjados a partir da cultura dominante contribuem, assim, para a integração real da classe dominante, assegurando comunicação imediata entre seus membros. Para Bourdieu (2012), os dominantes estão envolvidos em uma luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social e para continuamente garantirem seus interesses, reproduzindo, no campo das tomadas de posições ideológicas, o campo das posições sociais. Isso quer dizer que conseguem afirmar instrumentos de conhecimento arbitrários, embora ignorados como tais, na realidade social, estabelecendo uma integração fictícia de muitas pessoas a um projeto particular. A ciência, enquanto evocada com naturalidade, longe de controvérsias, promove a construção de consensos em torno de determinadas visões de mundo, contribuindo para legitimar a dominação.

Apesar das diferenciações sugeridas por Michael Burawoy (2010) sobre a noção de violência simbólica, que em Bourdieu teria um caráter sorrateiro e inconsciente, e a de hegemonia, que para Gramsci seria fundada no consentimento, apontamos para seus aspectos complementares.

Quando Gramsci chama a atenção para a ação de uma polícia em sentido amplo: "conjunto das forças organizadas pelo Estado e pelos particulares para defender o domínio político e econômico das classes dirigentes" (GRAMSCI, 1984, p. 78) entendemos uma atuação efetivada através da violência física, mas, sobretudo, através da violência simbólica, na medida em que a intenção de defender o domínio nem sempre se apresenta de forma explícita.

Nesse sentido, podemos considerar que mesmo o consentimento tem caráter coercitivo. O Estado estabelece, assim, seu monopólio sobre a violência legítima, e para além da física - como defende Weber (1992) - também a simbólica, pois ele é o representante máximo dos "interesses universais da sociedade", isto é, dos interesses particulares do grupo dominante, universalizados através da dominação simbólica. (MENDONÇA, p. 102)

A universalização de interesses particulares é que explica a ocultação do caráter de classe do Estado, assim como o silenciamento das lutas de classe e classificação que inundam seus inúmeros campos de reprodução, como o campo científico. Em razão dessa representação, o Estado garante o consenso de espaço por excelência para concentração e exercício do poder/violência simbólicos (BOURDIEU, 1996) assim como o campo científico consegue se autoprojetar em nosso imaginário como um espaço neutro e isento de interesses.

A Ciência da Informação "nascida e crescida" sob a retórica da interdisciplinaridade e do conhecimento social, mas ao mesmo tempo aplicado e próximo à exatidão da técnica, dá-nos ao menos uma pista de suas estratégias para encontrar legitimidade no campo científico.

> Ao longo da formação discursiva da CI, o termo "interdisciplinaridade" ganhará cada vez mais foco em paralelo com os discursos de inúmeros outros campos do conhecimento, em paralelo com a própria desmistificação da ciência, em paralelo com a própria necessidade de sobrevivência tanto dos "novos" quanto dos "antigos" saberes. Tanto as ciências naturais quanto as sociais/humanas intensificam seus diálogos e o intercâmbio de teorias e metáforas para explorar o conhecimento ao longo do século XX. Contudo, para a CI, a noção de interdisciplinaridade parece ser sua carta identitária na árvore do conhecimento, ou sua justificação para existir (SALDANHA, 2008, p. 93)

Os resultados da técnica aliados às novas tecnologias, como recursos de uma ciência acabada e ao mesmo tempo moderna; e o suposto diálogo com as ciências sociais, garantindo

as possibilidades de sua originalidade, elevam, certamente, a validação e reconhecimento da CI entre os pares e o senso comum. (BEZERRA, SCHNEIDER e CASTRO, 2015)

Porém, apesar dos discursos sobre a interdisciplinaridade e a própria classificação da área enquanto ciência social, permanece o quase nulo questionamento sobre as subjetividades e ideologias contidas nos seus "aparatos classificatórios, cientométricos e bibliométricos", tidos até hoje como instrumentais impenetráveis, como pode ser visualizado na produção de periódicos como *Journal of Documentation e Journal of the American Society for Information Science and Technology* (JASIST).

Além das questões internas, estão as investidas cada vez mais visíveis no arcabouço tecnológico, orientados para a lógica desenvolvimentista e mercadológica que parece responder às pressões externas inscritas na ordem do Estado ampliado, cerceando os objetos de pesquisa e promovendo uma espécie de unificação teórica e metodológica.

> A pressão por produtividade e por uma maior contribuição ao desenvolvimento e ao crescimento econômico [...]o que implica também uma maior permeabilidade às demandas (tecnológicas, inclusive mão de obra qualificada) do capital privado – pressões em geral localizadas no próprio aparelho de Estado, que se materializam muito claramente na (permanente) ameaça de desfinanciamento, expressão eloquente, quase obscena, da intimidade nem sempre aparente entre a dominação econômica e a simbólica. (BEZERRA, SCHNEIDER e CASTRO, 2015, p. 11)

Em uma análise panorâmica dos anais do principal encontro em Ciência da Informação do Brasil, o ENANCIB, é possível percebermos as estatísticas e métricas sobre a produção científica consolidada "engolirem" os trabalhos sobre a informação gestada nos "laboratórios" da vida e os apontamentos dos fatores sociais que permeiam sua produção. Sem muito espanto, vamos acompanhando, ainda, as investidas do grupo dominante na CI pela abertura de cursos voltados para a produtividade, formando sobretudo para gestão e "tecnologia de pessoais".

Porém, como o espaço social (e científico) é de luta (lembrando novamente a razão dialética baseada na ideia do todo orgânico atravessado por conflitos), sempre haverá abordagens, conceitos e grupos disposto a saírem dos subterrâneos do campo, para a sua superfície, ativando, quem sabe, a construção de uma contra-hegemonia.

Logo, no campo da Ciência da Informação, já se percebe a batalha entre aqueles que continuam a insistir em um tratamento enquadrado do objeto "informação", versus aqueles que procuram trabalhar a informação como processo historicamente construído, intrincado às

práticas e às representações dos sujeitos coletivos que associados, relacionados, confrontados, vão produzindo-a cotidianamente. Em outras palavras, a dialética dos processos sócio informacionais parece, aos poucos, se apresentar em alguns espaços discursivos do campo em todas as suas contradições, dando espaço para uma teoria crítica da informação, como na abordagem fuchsiana.

> An example for critical information theory as immanent transcendence is the antagonistic form of information in contemporary capitalist economy. New media as such do not have clear-cut effects; they are antagonistically structured and embedded into the antagonisms of capitalist society. The antagonismo between co-operation and competition that shapes modern society, limits self-determination and participation, also shapes the techno-social Internet system. Under the current societal conditions, which are characterized by the colonization of society by the instrumental logic of accumulation, risks and competitive forces dominate over realized opportunities, co-operation, and participation on the Internet. The dialectical antagonistic character of social and technical networks as motor of competition and cooperation in informational capitalism reflects Marx's idea that the productive forces of capitalism are at the same time means of exploitation and domination and produce potentials that go beyond actuality, point towards a radically transformed society, and anticipate a fully cooperative design of the means of production. The productive forces of contemporary capitalism are organized around informational networks (FUCHS, 2008, p. 282).

Nesse sentido, pensar uma "nova ciência da informação" significa, de alguma forma, desviarmos dos colonialismos impostos pelas metrias da *Information Science*[4,] que vêm se associando às demandas mercadológicas para determinar o que é ou não é a informação a ser considerada, e atentarmos para a informação produzida pelas tantos atores do comum, as mulheres e homens espalhados pelo vasto tecido social.

4 ABRIR AS JANELAS[5] DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO OU DESTRUIR SEUS MUROS OU UMA CONCLUSÃO DE ESPERANÇA

[4] Reflexão gerada a partir do debate proposto por Gustavo Saldanha durante sua participação na disciplina "Seminários interdisciplinares em informação e conhecimento" no PPGCI-IBICT, no dia 6/11/2015.

[5] Expressão livremente inspirada na dissertação de mestrado "Inventar rios: escritas de um janeleiro" defendida pelo amigo Carlos Menjueiro, no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidade (PPCULT) da Universidade Federal Fluminense, no dia 30/09/2015.

Ao pautarem a sociologia do conhecimento, Berger e Luckmann entendem que a mesma "terá de tratar não somente da multiplicidade empírica do 'conhecimento' nas sociedades humanas, mas também dos processos pelos quais qualquer corpo de 'conhecimento' chega a ser socialmente estabelecido como 'realidade'". (BERGER; LUCKMANN, 1996, p. 13, 14)

E na medida em que todo conhecimento humano está intimamente ligado à informação produzida cotidianamente por pessoas em relação e movimento, defendemos que também a Ciência da Informação precisa começar a priorizar as análises sobre a construção social da informação.

A reflexão é por uma produção de conhecimento que caminhe menos de acordo com o tempo e a força de um mercado castrador, e que seja capaz de se libertar da redoma da "Information Science" e de seus marcos representativos dominantes, na maioria das vezes pautados por discursos estrangeiros que, inclusive, desconhecem a realidade latinoamericana e, sobretudo, a brasileira. Abrir as janelas da Ciência da Informação significa proporcionarmos a nós mesmos, pesquisadores, a possibilidade de espiarmos o "mundo da vida", desenclausurando-nos de uma "interdisciplinaridade" altamente disciplinar, dos efeitos "tóxicos" de uma tecnologia dos "cifrões", das anestesias métricas que nos privam de tocar as imensas e dissonantes formas de gerar, sentir e ser informação.

A ideia era terminar este artigo no parágrafo acima, o que talvez soasse, para alguns, como mera ilusão romântica de quem não entendeu nada das lições de Pierre Bourdieu sobre "o infinito jogar o jogo".

Quando o autor formula o conceito de *habitus* - referindo-se às ações práticas de todos nós, destituídas de um caráter consciente e deliberado, mas que, por outro lado, se reproduzem por meio da introjeção de limites e possibilidades dispostos nas posições sociais que ocupamos - sua preocupação é explicar o princípio das reproduções de conduta e poder nos diferentes campos que, por suas palavras, ganham ares de ciclo vicioso, sem muitas possibilidades de escape: "Sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações". (BOURDIEU, 1994, p. 47).

Como reorientar um campo científico com todas as dependências estruturais de financiamentos, devoções a pesquisadores já consagrados, necessidade de garantir o status da área a partir da "modernidade" tecnológica, etc? Será que deixar de jogar o jogo não nos impediria de "existir"?

Voltemos ao debate entre Gramsci e Bourdieu. Talvez a maior diferença entre os dois autores sejam as suas expectativas quanto às brechas dos sistemas de reprodução. E como Gramsci, acreditamos: sempre há saídas! Apesar da concordância com a afirmação de Bourdieu sobre um campo científico "estruturalmente travado", pensar dialeticamente suas estruturas é entendê-las em constante movimento - por mais que o movimento seja muitas vezes imperceptível e, por isso, as estruturas de tão longa duração. Assim, mesmo com todas as dificuldades de enxergarmos as possibilidades de transformação (em qualquer campo), elas jamais deverão ser desconsideradas.

A partir da acumulação de forças contra-hegemônicas (GRAMSCI, 1991), os poderes simbólicos e materiais que produzem violências podem sim ser combatidos. E daí a importância de uma nova geração de pesquisadores da CI muito dispostos a descolonizar condutas, destruindo os muros da informação condensada nos formais centros de ciência e atentando para a informação presente nas praças, feiras, esquinas e nos mais diversos palcos da vida, capazes de fabricar novas subjetividades e sentidos para o campo.

Nesse exercício de abrir janelas e golpear muros - aqueles capazes de capturar nossas imaginações e exercícios epistemológicos - vamos transbordando e (re)existindo em nossos olhares voltados para as ruas, que se afetam com os encontros, que exigem uma distribuição radical das possibilidades de falar, que propõem a reforma dos latifúndios da informação científica.

Está dada a nossa guerra de posições [6] e as suas estratégias: denunciar privilégios, ocupar espaços, redistribuir possibilidades, alterar estruturas, preparar os contra-feitiços para desvelar toda a retórica ideológica de um campo que se evoca neutro: é tempo (mais que urgente) de escancarar as janelas da CI!

[6] Para Gramsci, é através da guerra de posição, em um primeiro momento, que vai se transformando a realidade. Em uma sociedade complexa, que não tem espaço para um levante armado, é a ocupação de espaços nas trincheiras do Estado ampliado, ou –nos diversos campos de poder, para usar a expressão de Bourdieu – que se produz uma contra-hegemonia.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

BEZERRA, Arthur; SCHNEIDER, Marco e CASTRO, Leonardo. **Contribuições de Pierre Bourdieu para um esboço de autoanálise da Ciência da Informação** (no prelo), 2015.

BORKO, H. Information science: what is it?. **American Documentation**, jan, 1968;

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. **Esboço da teoria da prática**. In: ORTIZ, Renato (Org.*). A Sociologia de Pierre Bourdieu.* São Paulo: Ática, 1994.

_____. **O campo científico**. In In: ORTIZ, Renato (Org.). *A sociologia de Pierre Bourdieu.* São Paulo: Ática, 1994.

_____. **Espíritos de Estado**: gênese e estrutura do campo burocrático. In: *Razões Práticas*: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus 1996.

_____. **Os Usos Sociais da Ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society of Information Science***, v*. 42, n. 5, p. 351-360, jun. 1991.

BURAWOY, Michael. **O Marxismo encontra Bourdieu**. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

CAPURRO, R. What is Information Science for? a philosophical reflection In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Ed.). **Conceptions of Library and Information Science; historical, empirical and theoretical perspectives.** In: INTERNATIONAL CONFERENCE FOR THE CELEBRATION OF 20TH ANNIVERSARY OF THE DEPARTMENT OF INFORMATION STUDIES, UNIVERSITY OF TAMPERE, FINLAND.1991. *Proceedings...* London, Los Angeles: TaylorGraham,1992. p. 82-96.

DAY, R. Poststructuralism and information studies. **Annual review of information scicence social and technology** (ARIST), v. 39, p. 575-609, 2005.

_____. **The Modern invention of information**: discourse, history and power. Illinois: Southern Illinois University Press, 2001.

DILTHEY, Wilhelm. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

FROHMANN, B. Documentation redux: prolegomenon to (another) philosophy of information. **Library Trends,** v. 52, n. 3, p. 387-407, win. 2004.

FUCHS, Christian. **¿Que és información?**. 2008. ANAIS DO PRIMEIRO ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESPECIALISTAS EM TEORIA DA INFORMAÇÃO: UM ENFOQUE INTERDISCIPLINAR. Léon (Espanha), 2008. p. 247-316

FROHMANN, B. **Reference, representation, and the materiality of documents**. In: COLÓQUIO CIENTÍFICO INTERNACIONAL DA REDE MUSSI. 2011. *Anais...* Toulouse: Université de Toulouse 3, 2011.

_____. Revisiting "what is a document?" **Journal of documentation**, v. 65, n. 2, p. 291-303, 2009.

GRAMSCI, António. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

_____. **Concepção Dialética da História.** Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1991.

_____. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

GONZÁLEZ de GÓMEZ, Maria Nélida. A reivenção contemporânea da informação: entre o material e o imaterial. **In: Pesq. Brás. Inf**, Brasília, v.2, p. 115-134, 2009.

HJORLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizont in information science: domain-analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 46, n. 6, p. 400-425, jul. 1995.

INGWERSEN, Peter. Cognitive perspectives of information retrieval inferaction: elements of a cognitive IR theory. **Journal of Documentation**, v. 52, n. 1, p. 3-50, march. 1996

MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**. São Paulo: Abril Cultural. (Col. Os Pensadores), 1978.

MENDONÇA, Sonia Regina de. Estado, Violência Simbólica e Metaforização da Cidadania. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol 1, 1996.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (org.). **O campo da ciência da informação:** gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: Ed. Universitária, 2002.

RAYWARD, W.B. The History and historiography of information science: some reflections. **Information and Management***,* v. 32, n. 1, p. 3-17, 1996.

RICOEUR, Paul. **Hermenêutica e ideologias.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

SALDANHA, Gustavo. **Viagem aos becos e travessas da tradição pragmática da Ciência da Informação**: uma leitura em diálogo com Wittgenstein, 2008. Disponível In: <http//:www.bibliotecadigital.ufmg.br>. Acesso em: 30 maio 2016.

_____. Tradições epistemológicas nos estudos de organização dos saberes: uma leitura histórico-epistêmica a partir da filosofia da linguagem. **Liinc em Revista**, v. 6, n.2, Rio de Janeiro, 210, p.300-315.

WEBER, Max. **Economia y sociedad**. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1992.